

Apresentação

Fronteiras delimitam países, divisas separam estados de uma federação, limites dividem bairros em uma cidade. Seja qual for a nomenclatura, todas são linhas imaginárias, convenções sociais criadas para estabelecer espaços de poder, para o exercício não apenas de soberanias, mas também de exclusão. Em nossa triste realidade atual, na qual países deixam acordos comerciais em nome de interesses nacionalistas, em que regiões buscam o separatismo e no qual grandes líderes propõem a construção de muros para barrar a entrada de imigrantes, essas linhas têm tido enorme relevância. Vão bem além do imaginário.

A extensão universitária, por excelência, age na contramão. Sua função principal é derrubar esses muros inventados e mergulhar na realidade da sua comunidade, transmitindo e recebendo dela conhecimentos inestimáveis, numa troca rica, onde todos ganhamos. Este é um dos ensinamentos mais especiais que a entrevista com o Professor Fernando Fuão, da Faculdade de Arquitetura, nos traz nesta edição. Um dos extensionistas mais atuantes da UFRGS, Fuão nos mostra em seu depoimento o choque que teve quando resolver transpor os muros da Universidade para mergulhar no mundo dos recicladores. Seu trabalho junto a esses verdadeiros heróis do nosso dia-dia, desenvolvido há mais de uma década, é absolutamente fascinante.

Ainda buscando romper as linhas imaginárias que tanto nos freiam, a **Revista da Extensão** tem a satisfação de, mais uma vez, receber em seu rol de artigos trabalhos qualificadíssimos de outras instituições. Foi impossível selecionar todos: para nossa satisfação, recebemos uma quantidade enorme de interessados, de diversas partes do Brasil. Dentre tantos ótimos trabalhos, decidimos destacar um da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri e outro da Fundação João Pinheiro, ambas instituições de Minas Gerais. Isso sem falar no Projeto Rondon, que há exatos 50 anos rompe as divisas e limites estabelecidos Brasil afora.

Não há outro modo de se fazer extensão. É rompendo as linhas de exclusão, é se aproximando da comunidade. É buscando incessantemente esta troca de saberes e compartilhamento de realidades. Afinal, trancar portas, tapar ouvidos e erguer muros são ações que, ao contrário de trazer uma suposta segurança, só nos conduzem à ignorância –que é a mãe do medo e de todos os preconceitos.

Vicente Fernandes Dutra Fonseca

Editor Assistente